



Os Kaingang e as Igrejas Evangélicas: o caso da Terra Indígena Xaçecó/SC

Nathan Marcos Buba ¹

Resumo: O presente estudo tem como objetivo analisar a presença das Igrejas evangélicas entre os Kaingang da Terra Indígena Xaçecó, demonstrando como a entrada e expansão destas igrejas afetou e afeta vários aspectos da comunidade. Sendo assim, a pesquisa propõe destacar como está ocorrendo o aumento de congregações na área indígena, como também, o número de pastores Kaingang à frente dos templos. Também, a pesquisa busca analisar como esse crescimento afeta a relação da comunidade com os não indígenas que habitam os mesmos municípios. Para isso, são utilizadas algumas metodologias que potencializam a análise, como a Etno-História. Essas metodologias contribuem com o presente estudo ao ampliar o horizonte de fontes, como entrevistas, caderno de campo, dados etnográficos e instrumentos de pesquisa. Além disso, a pesquisa utiliza fontes escritas como: documentos e obras que compõem a literatura sobre os Kaingang, de autoria de indígenas e não indígenas.

Palavras-chave: Kaingang; religiosidade; evangélicos.

Os Kaingang da Terra Indígena Xaçecó/SC

A etnia Kaingang é uma das mais populosas do Brasil. Segundo o IBGE, com 37.470 pessoas, ela está entre as cinco maiores populações indígenas que habitam o território brasileiro. É um povo da família Jê e tronco linguístico Macro Jê. O território histórico Kaingang abrange um espaço desde “o rio Tietê em São Paulo até os campos do rio Uruguai no Rio Grande do Sul. Seus limites a leste foram as vertentes orientais da Serra do Mar e, a oeste, as barrancas do rio Paraná” (MOTA, 2009, p.91). Grande parte do território histórico Kaingang é tomado pela Floresta Ombrófila Mista, que tem uma grande presença de matas de araucárias. Nesse território, também é possível encontrar a presença de outros povos, como o Laklãnõ, Xetá e Guarani.

Dados arqueológicos afirmam que a ocupação humana na área do estado de Santa Catarina data de 11.500 A.P. para as terras mais altas e de 8.000 para as regiões litorâneas (CRUZ, et al., 2020). Os contatos entre Kaingang e *fóg* (não indígena em língua Kaingang) aconteceram desde o século XVI, quando expedicionários, bandeirantes e jesuítas passaram pelo Planalto Meridional. Esses contatos não foram contínuos, não culminando com grandes modificações no modo de vida das populações indígenas do local. O contato mais

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Membro do LABHIN/UFSC – Laboratório de História Indígena. Bolsista Uniedu/SC. E-mail: nathanmarcosbuba19@gmail.com



frequente aconteceu a partir do século XVIII, quando os campos de Palmas e Guarapuava passaram a ser ocupados pelos *fóg* com intuito de garantir a posse do território para a Coroa portuguesa, bem como promover a inserção da criação de gado na região.

Para o historiador Clovis Antonio Brighenti, é possível destacar três momentos para a ocupação não indígena em território Kaingang (BRIGHENTI, 2012, p.69). A primeira se refere à ocupação dos campos de Palmas e Guarapuava, culminando nos primeiros confrontos entre os Kaingang e os *fóg* e na instalação das primeiras fazendas no Planalto Meridional. O segundo momento, de acordo com o autor, não tem uma data específica, pois se refere à ocupação dos “caboclos” nas regiões com maior cobertura florestal ou áreas acidentadas.² Já o terceiro momento refere-se à ocupação dos colonos de ascendência europeia, principalmente da atual Alemanha e Itália.

Essas ocupações resultaram em conflitos e na diminuição do território para a circulação dos Kaingang. Como modo de sobrevivência em meio a invasão de seu território histórico, os grupos Kaingang buscaram diferentes estratégias para resistir e sobreviver. Alguns grupos optaram por habitar regiões sem a presença dos *fóg*, já outros, optaram por uma maior interação com o não indígena, servindo, muitas vezes, como mão de obra em construções promovidas pelos governos. Foi nesse contexto que, em 1892, iniciou a construção da linha telegráfica para a Colônia Militar do Chapecó, que buscava defender o território brasileiro, os aldeamentos indígenas e as colônias de pessoas com ascendência europeia. Para o trabalho, foi utilizada a mão de obra de um grupo Kaingang chefiado por um cacique chamado Vanhkrê. Ao fim dos trabalhos, o líder Kaingang não aceitou dinheiro como pagamento, mas reivindicou um pedaço de terra para o seu grupo, destacando como preferência a região entre os rios Chapecó e Chapecozinho.³

As negociações entre cacique Vanhkrê e o governo paranaense⁴ duraram aproximadamente uma década. No dia 18 de junho de 1902, Francisco Xavier da Silva, então

²O termo caboclo no Planalto Meridional pode ser empregado em diversos contextos, como categoria de classificação social (refere-se ao mais pobre e rural), como uma categoria de mistura racial (refere-se ao processo de miscigenação da população) e como termo para identificar os participantes da Guerra do Contestado (1912- 1916).

³Segundo alguns escritos sobre os Kaingang, assim disse cacique Vanhkrê: “Olha, nós precisamos de terra pra criar nossos filhos, que nós não vamos andar criando nossos filhos nas copas dos pinheiros. Nós não somos macacos”. Ver mais em: D’ANGELIS, Wilmar da Rocha. Para uma história do oeste catarinense. **Cadernos do CEOM**. Ano4, n.06, Nov/89, Chapecó.

⁴No período das negociações, a atual região oeste catarinense não pertencia a Santa Catarina, mas ao Paraná, quando este se separou de São Paulo em 1853. Entretanto, a posse desse território foi contestada por Santa



governador do Paraná, assina o decreto nº 7, reservando as terras entre os rios Chapecó e Chapecozinho para o grupo Kaingang de Vanhkrê:

Atendendo o que a tribo de Coroados de que é chefe o cacique Vaicrê em número aproximado de duzentas almas, acha-se estabelecido na margem esquerda do rio Chapecó, no município de Palmas; e considerando que é necessário reservar uma área de terra para que os mesmos índios possam, com a necessária estabilidade dedicar-se à lavoura, à que estão afeitos [...] fica reservada para o estabelecimento da tribo de indígenas coroados ao mando do cacique Vaicrê, salvo direito de terceiros, uma área de terras compreendida nos limites seguintes: A partir do rio Chapecó, pela estrada que segue para o sul, até o passo do rio Chapecozinho, e por estes dois rios até onde eles fazem barra. (NÖTZOLD, 2003, p.84).

Esse decreto é considerado pelos moradores da TI Xapecó como o documento fundador do território, pois a sua área atual encontra-se em território reservado pelo governo do Paraná. Cacique Vanhkrê é considerado um grande líder, sendo feitas inúmeras homenagens pela comunidade, como o nome da maior escola do Xapecó.

Para os indígenas, garantir a posse de um território, em meio à violência e exploração vigentes, não era um negócio ruim. Entretanto, para a ação do governo do Paraná, precisamos entender o contexto e analisar o decreto a "contrapelo", como destaca Walter Benjamin. (1985). Ao reservar um território para os Kaingang, o governo teria mais facilidade em concentrar os indígenas em um mesmo território, favorecendo assim a fixação de fazendas e colônias.

O território reservado aos Kaingang no decreto de nº 7 abrangia mais de 50.000 ha. Entretanto, esse mesmo decreto também tinha brechas para a grilagem, quando trazia que as terras entre rio Chapecó e Chapecozinho seriam dos Kaingang “salvo direito a terceiros”. Essas brechas favoreceram fazendeiros e comerciantes do setor madeireiro interessados na região, estes que gozavam de privilégios junto aos setores políticos regionais. Junto disso, durante quase todo o século XX, a área do Xapecó sofreu com a atuação de órgãos governamentais e com a ação de invasores.

As últimas décadas do século XX são importantes para as populações indígenas brasileiras. Junto à atuação do movimento indígena, temos a promulgação da Constituição Federal de 1988, “que garantiu às comunidades indígenas o direito à alteridade, o uso de suas

Catarina, resultando em uma batalha judicial que teve fim apenas em 1917, após a Guerra do Contestado. A partir dessa data foram definidas as fronteiras que até hoje estão em vigor.



línguas maternas e a processos próprios de aprendizagem” (NÖTZOLD, 2003, p.15.). Na questão territorial, o documento informa que os indígenas têm o direito originário “sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens” (BRASIL, 1988). Foi nesse contexto, em 1991, que a Terra Indígena Xaçecó foi homologada, com uma área de 15.623 ha, ou seja, menos de um terço do que havia sido reservado no decreto nº 7 de 1902. Com esses números conseguimos ter um pouco da dimensão do esbulho que foi cometido.

Atualmente, a TI Xaçecó está localizada nos municípios de Ipuacu e Entre Rios, no oeste de Santa Catarina. A área indígena é dividida em 16 aldeias, sendo elas: Linha Limeira, Linha Guarani, Paiol de Barro, João Veloso, Fazenda São José, Matão, Manduri, Água Branca, Barro Preto, Samburá, Jacu (aldeia sede), Olaria, Serrano, Serro Doce, Pinhalzinho e Campos Oliveira. O último dado sobre sua população destaca que vivem no Xaçecó 5.216 indígenas, sendo 5.105 da etnia Kaingang e 111 pessoas da etnia Guarani⁵ (BRIGHENTI, 2012, p.255). Sobre a organização política, o líder é o cacique, seguido pelo vice cacique, que são escolhidos em eleição direta a cada quatro anos.

Grande parte dos Kaingang da TI Xaçecó trabalha fora da área indígena, geralmente em empregos de menor remuneração, como nos frigoríficos, madeireiras e serviços gerais. Dos que exercem atividade remunerada dentro do Xaçecó, a maioria trabalha como agricultores, serviços gerais e em atividades relacionadas ao serviço público, como na área da saúde e da educação.

Os primeiros contatos dos Kaingang com o cristianismo

Desde os primeiros contatos entre indígenas e não indígenas, o cristianismo esteve presente, uma vez que os poderes monárquicos ibéricos estavam intrinsecamente ligados à Igreja Católica sendo compreendidos como representantes do sagrado no mundo profano. João Adolfo Hansen salienta que como os monarcas representavam o poder celeste na terra, “Deus é o elemento metafísico do direito, da política e da ética que regulavam a invasão e a conquista das novas terras”, como aconteceu no continente americano (HANSEN, 1998, p.348.).

⁵O dado populacional da TI Xaçecó é oriundo das pesquisas de Clovis Antonio Brighenti, que cruzou os dados do IBGE e da FUNASA. Mais informações em: BRIGHENTI, Clovis Antonio. Terras Indígenas em Santa Catarina. In: NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; ROSA, Helena Alpini; BRINGMANN, Sandor Fernando. **Etnohistória, história indígena e educação: contribuições ao debate**. Porto Alegre: Pallotti, 2012. P.255-277.



O primeiro contato do cristianismo com os Kaingang aconteceu no século XVII, quando jesuítas realizam reduções no Guairá. É possível encontrar vestígios que indicam a presença de um grupo Kaingang junto a missão jesuítica (MELIÀ, 1986. p. 72). O tempo desse contato foi curto, pois pouco tempo depois, essas missões foram destruídas pelos paulistas. Todavia, mesmo com o breve período, o contato foi intenso, ao ponto de os padres elaborarem o catecismo em língua Kaingang (BRIGHENTI, 2012, p.276).

Com a intensificação da ocupação não indígena em território Kaingang, ocorrido a partir do século XVIII, o contato dessa etnia com o cristianismo também se intensificou. Nas primeiras expedições de conquista do território histórico Kaingang, realizadas pelo Ten. Cel. Affonso Botelho entre 1768 à 1774, encontravam-se militares, escravos, civis e religiosos. Ítala Irene Becker salienta que nessas expedições, realizadas entre dezembro de 1771 e janeiro de 1772, os integrantes da expedição encontraram um grupo Kaingang, resultando em uma troca de presentes e a fixação de uma cruz no local (BECKER, 1999, p.300). Nesse encontro, Affonso Botelho faz a seguinte narrativa: “Para memória dos que ali tinham chegado, e o primeiro lugar onde Deus principiou a abrir as portas de sua divina misericórdia a este gentilíssimo que nunca presumia achá-lo tão humano e tratável como experimentei” (BOTELHO, 1856).

No início do século XIX, outra grande expedição se dirige ao território histórico Kaingang, chefiada por Diogo Pinto de Azevedo em 1810. Essa expedição continha aproximadamente 300 pessoas, tendo a presença de religiosos, como o padre Francisco das Chagas Lima (BRIGHENTI, 2012, p.277). Esse sacerdote ficou marcado como um dos primeiros a estabelecer um contato mais intenso durante a ocupação dos campos de Palmas e Guarapuava, realizando catecismo, casamento e batismo de um número relevante de Kaingang (DURAT, 2019, p.211). Mesmo realizando essas práticas, Francisco das Chagas Lima sentiu-se frustrado, pois compreendeu que não tinha realizado a conversão dos Kaingang ao modo que desejava, apontando para isso, as fugas dos aldeamentos e o abandono dos sacramentos pelos indígenas (BRIGHENTI, 2012, p.278).

Após realizada a ocupação do território histórico Kaingang, uma das principais estratégias utilizadas pelos governantes foram o aldeamento e a catequização. Com esses atos, os governos esperavam concentrar os indígenas em pequenos espaços, liberando territórios para a fixação do não indígena. Também, os aldeamentos pretendiam afetar a autonomia dos indígenas e torná-los em dependentes dos poderes tanto provincial, como imperial. Junto



disso, via-se a necessidade de “civilizar” os Kaingang, buscando eliminar aspectos da sua cultura pela imposição das práticas ocidentais. Nesse ponto, o cristianismo e a catequização serão essenciais para o processo.

A catequização ocupou grande parte dos documentos provinciais e imperiais quando se abordava os povos indígenas. Sobre os Kaingang, podemos citar a seguinte documentação:

Calcula-se em 3 a 4 mil indios os que vagueam nos sertões do Jatahy, Ivahy, Paranapamena, Tibagy, S. Jeronimo, Palmas e Guarapuava (...). Dois missionários capuchinhos estão encarregados de catechisar os indios que se apresentarem nos aldeamentos de S. Jeronimo e de S. Pedro d'Alcantara. Estes catechistas devem observar as instruções de 25 de Abril de 1837, que systematicamente, exigem dos indios os exercícius espirituais; mas até hoje não teemelles recebido instrução religiosa e por conseguinte não existe a base estabelecida pelas instruções citadas para a catechese dos indios; não admira portanto que não se tenham colhido resultados de um serviço que marcha sem norte (RELATÓRIO, 1872, p.66).

É possível encontrar inúmeros documentos dos presidentes de província que destacam a pouca efetividade da catequização dos Kaingang, sugerindo a necessidade de aumentar as despesas para esse fim. Muitos relatórios acabam citando confrontos entre Kaingang e não indígenas, principalmente fazendeiros, para atestar a necessidade do catecismo dos indígenas. Nessas documentações, também é presente as justificativas para a não efetividade da catequização dos Kaingang, sendo citado principalmente o trânsito e as fugas dos aldeamentos, conjuntamente com a pouca verba destinada pelo governo imperial. O historiador Clovis Antonio Brighenti, adverte que muito do insucesso da catequização entre os Kaingang está no protagonismo dos grupos, estes que faziam ora aproximações e em outros momentos se afastavam de acordo com suas necessidades (BRIGHENTI, 2012, p.290).

A catequização não teve grande êxito na inserção dos Kaingang ao cristianismo. Entretanto, o catecismo junto dos aldeamentos, facilitou a maior abertura de terras para fazendeiros e povoamentos não indígenas. Uma maior aproximação entre os Kaingang com o mundo cristão aconteceu de forma distinta, por meio do catolicismo popular. Isso ocorreu em detrimento das relações interétnicas ocorridas entre Kaingang e não indígenas e que foram por vezes estimuladas pelos poderes governamentais. A miscigenação também consistia numa estratégia de assimilar os grupos indígenas, principalmente por meio dos casamentos interétnicos. Geralmente, esses casamentos aconteciam entre homens não indígenas, com mulheres indígenas, que consistia numa prática incentivada desde o diretório pombalino de 1757 (PONTAROLLO, 2019, p.68).



Quando nos referimos aos encontros entre Kaingang e não indígenas durante o século XIX e XX, geralmente são abordados os conflitos e a violência. Isso de fato ocorreu. Todavia, para analisar a entrada do cristianismo entre os Kaingang, é necessário também observar os encontros não belicosos, que estabeleciam distintas formas de alianças (BUBA, 2020, p.192). Esses encontros muitas vezes eram estimulados pelos poderes governamentais, que viam na miscigenação uma forma de incorporar elementos ocidentais nos indígenas e de abrir mais espaços para a ocupação dos territórios desses grupos.

Para os Kaingang, realizar uma aproximação com os não indígenas também poderia ser benéfico, como explica Cristiano Durat ao dar exemplo de um grupo aldeado em Atalaia

O cenário começa a se alterar em 1816; os indígenas, aldeados em Atalaia, depois de um período convivendo com os povoadores, perceberam a importância de constituir outras formas de aproximação e ganhos com os não indígenas, por meio das relações sociais tecidas com os sacramentos de batismo. O ato cristão já não é mais apenas uma cerimônia normal, mas sim, uma possibilidade de ampliação de suas redes de relacionamento, ao ocuparem um espaço no mundo religioso entre iguais, em que os papéis sociais exercidos nos sacramentos cristãos estavam entrelaçados ao mundo espiritual, superior ao natural (DURAT, 2019, p.220).

Muitas alianças ocorriam também por conta da condição precária. Ao falar de não indígenas em território histórico Kaingang, nos referimos a grupos heterogêneos, com diferentes posições sociais e poder econômico. O Planalto Meridional tinha a presença de populações não indígenas de classe baixa, como escravos, posseiros, agregados das fazendas, que também ficavam submetidos as elites regionais e ao poder central (AURAS, 2001, p.28). Tanto os Kaingang, como essa população não indígena pobre, sofriam com as investidas de fazendeiros e de outros grupos da elite, ou seja, viviam em parte um contexto parecido. Isso facilitou uma relação interétnica e a construção de laços de alianças, que consistiam em casamentos mistos e laços de compadrio.

Essas alianças poderiam acontecer com indígenas morando junto da população mais pobre, mas também de não indígenas que passavam a morar junto dos Kaingang. Rogério Reus Rosa em entrevista com ex-líder espiritual Kaingang, Jorge Kagnãg Garcia trouxe informações sobre esse processo. Nas entrevistas, Jorge Kagnãg Garcia informa que os “caboclos” começaram a batizar os Kaingang em casa, estabelecendo também laços de compadrio (ROSA, 2005, p. 227-228) Além disso, é possível constatar a presença de não indígenas morando com um grupo Kaingang em Nonai/RS, como é o caso de um benzedor



chamado Negro Velho e um “caboclo” denominado como Juvenal e a sua esposa (ROSA,2005, p. 227-228).

Essas relações resultavam em trocas culturais de mão dupla, ou seja, muitos elementos dos não indígenas foram incorporados pelos Kaingang, mas também muitos elementos desses indígenas foram incorporados pelos *fóg*. Nessas relações não belicosas, foi momento que os Kaingang tiveram uma aproximação maior com o cristianismo, por meio do catolicismo popular. Jorge Kagnãg Garcia, informa Rogério Reus Rosa, que os “caboclos” tinham uma boa relação com os Kaingang, “alguns eram até compadres, batizavam os filhos dos Kaingang em suas casas, batizavam os em suas casas, as crianças agora recebiam nome do mato casado e nome de santo católico brasileiro” (ROSA, 2005, p.226).

Dos elementos que os Kaingang entraram em contato do catolicismo popular, podemos citar como um dos principais, a religiosidade em torno de São João Maria, conhecido também como monge do Contestado.⁶Essa prática religiosa tem origem com um italiano chamado Giovanni Maria d’ Agostine, que percorreu boa parte do Planalto Meridional, aconselhando a população, fazendo orações e receitando tratamentos para doenças que consistiam no uso de plantas (KARSBURG, 2012, p.152). Com o passar do tempo, a população do Planalto Meridional passa a considerar essa figura como um santo, mesmo não sendo reconhecido pela Igreja Católica e torna-se a principal manifestação do catolicismo popular na região.

Essa religiosidade chega aos Kaingang por duas formas: a) pelo próprio contato da etnia com São João Maria; b) pelo contato com não indígenas devotos do monge, que por meio da oralidade repassaram suas histórias de cura e seus conselhos aos Kaingang (BUBA, 2020, p 110). Todavia, independente de como tenha ocorrido, essa religiosidade penetrou a cosmologia Kaingang, sendo São João Maria o principal *jagrê* (guia espiritual) da TI Xapecó, responsável por auxiliar o *Kujá* (líder espiritual) nos vários níveis do mundo cosmológico Kaingang.

São João Maria ou “Monge do Contestado” como assim o(s) denomina(m) os índios e população local na atualidade. Sua influência é marcante sobre o ethos Kaingang, amalgamando imperceptivelmente ao seu sistema xamânico que apresenta traços acentuados do catolicismo popular e fora abraçado por

⁶ O monge João Maria não é um santo reconhecido pela Igreja Católica. Entretanto, no Planalto Meridional, as pessoas o reconhecem como um, por isso, ele é conhecido por seus devotos como São João Maria. Além disso, a figura de São João Maria reúne a atuação de várias pessoas, que acabaram se identificando como o primeiro eremita italiano, ou acabaram sendo confundidos com ele, pois era comum no Planalto Meridional a presença de pessoas que realizavam práticas religiosas e de curandeirismo.



segmentos indígenas mais tradicionais através de seus rezadores, curadores, festeiros e performens de rituais tradicionais como o kiki (WIIK, 2012, p.175).

O vínculo entre o catolicismo popular e os Kaingang foi tão significativo, que com a vinda das igrejas evangélicas para a TI Xaçecó, aqueles que são católicos se identificam como “tradicionais”, em contraposição aos evangélicos, tema que veremos a seguir.

As igrejas evangélicas entre os Kaingang da TI Xaçecó/SC

O protestantismo esteve presente no Brasil desde o século XVI, com a invasão francesa em 1555 e a holandesa ocorrida em 1624. Todavia, essa presença foi interrompida pelas derrotas e a expulsão de franceses e holandeses da então colônia portuguesa na América. O protestantismo volta com mais força ao cenário brasileiro por volta de 1810, quando adquirem o direito de entrar no Brasil, vindo principalmente com os imigrantes alemães. O protestantismo de ordem missionária se estabeleceu em território brasileiro por volta de 1855, quando o missionário escocês Robert Reid Kalley fundou a Igreja Congregacional do Brasil, no Rio de Janeiro (MENDONÇA, VELASQUES FILHO, 1990, p.34).

Posteriormente chegaram outras congregações, como a Igreja Prebiteriana no Rio de Janeiro em 1859, Igreja Metodista de forma definitiva em 1886 e a Igreja Batista com a chegada dos missionários estadunidenses William Bagby e Zacarias Taylor em 1881 e a fundação da primeira igreja na Bahia em 1882. As Igrejas Pentecostais surgiram a partir de 1910, quando foram fundadas a Assembleia de Deus em Belém do Pará e Congregação Cristã do Brasil em São Paulo e Recife (CAMPOS JÚNIOR, 2009, p.30).

Após a fundação dessas igrejas no Brasil, o cenário religioso brasileiro passou por mudanças significativas. De acordo com censo de 1980, o número de católicos correspondia a 89% da população, caindo para 64,6% no censo de 2010. Em contrapartida, os evangélicos⁷ em 1991 representavam 9% por cento da população, passando para 15,5% no ano 2000 e 22,2% no censo de 2010 (IBGE, 2010).

É possível também perceber esse avanço das igrejas evangélicas em inúmeros povos indígenas, como os Kaingang da TI Xaçecó. A primeira igreja a se estabelecer nessa área

⁷Uso o termo evangélico para as pessoas que frequentam inúmeras congregações protestantes de ordem missionária. Por mais que existam diferenças entre as congregações, no Brasil o termo evangélico é usado como uma forma de unificar essas pessoas.



indígena, foi a congregação Batista na década de 1950 (ALMEIDA, 1998, p. 69.) Relevante destacar, que essa igreja foi a primeira cristã, já que um templo católico foi construído somente da década de 1970 com auxílio do CIMI – Conselho Indigenista Missionário. Junto da fundação dessa Igreja Batista, foi também construído um orfanato na aldeia Baixo Samburá para meninas (indígenas e não indígenas), onde eram alfabetizadas e aprendiam tarefas domésticas. Conjuntamente, o Xaçecó contou também com a atuação do SIL- *Summer Institute of Linguistics*, que utilizavam a religiosidade e os estudos da bíblia junto aos Kaingang.

Ledson Kurtz de Almeida em seu trabalho de mestrado fornece dados sobre o número de igrejas evangélicas na TI Xaçecó durante o ano de 1988. Em 2016, realizei um levantamento parecido para identificar o crescimento dessas igrejas: Vejamos os dados abaixo:

Figura 02: Tabela sobre o número de Igrejas Evangélicas dentro da T.I. Xaçecó/SC no ano de 1998.

ALDEIAS	IGREJAS							
	Batista	Assembleia de Deus da Missão	Assembleia de Deus Pentecostal	Quadrangular	Só o Senhor é Deus	Deus é Amor	Católica Oficial	Igreja da Saúde
Sede (Jacu)		X	X				X	X
Olaria					X			
Pinhazinho		X			X	X	X	X
Serro Doce								
Serrano								
Baixo Samburá		X						
Água Branca	X	X	X					
Guarani/Limeira	X		X		X			
Paol de Barro		X		X				X
Fazenda					X			X
Linha Matão		X						X

Fonte: ALMEIDA, Ledson Kurtz de. *Dinâmica religiosa entre os Kaingang do Posto Indígena Xaçecó/RS* (1998)



Figura 33:Tabela sobre o número de Igrejas Evangélicas dentro da T.I. Xapecó/SC no ano de 2016.

ALDEIAS	NOME DAS IGREJAS							
	Batista	Assembleia de Deus da Missão	Assembleia de Deus Pentecostal	Quadrangular	Só o Senhor é Deus	Deus é Amor	Católica Oficial	Igreja da Saúde
Sede (Jacu)	1	2	1			1	1	
Olaria		1	1		1			
Pinhalzinho	1	2	1		1	1	1	
Serro Doce							1	
Serrano								
Baixo Samburá		1						
Água Branca	1	1				1		
Guarani	1	1						
Paiol de Barro		1		1			1	
Fazenda		1						
Linha Matão		1						
João Veloso					1			
Manduri								
Limeira	1	1						
Barro Preto								
Campos Oliveira								

Fonte:BUBA, 2020.

Realizando o instrumento, foi possível constatar a presença de congregações que não estavam nos dados de Ledson Kurtz Almeida e que provavelmente tenham se inserido na TI Xapecó após 1998. Vejamos a próxima tabela:



Figura 04: Tabela de Igrejas que se instalaram na T.IXaçepó/SC após 1998.

ALDEIAS	NOME DAS IGREJAS						
	Rei da Glória	Visão Misionaria	Brasil Para Cristo	Só Deus é o Senhor	Unindo-se Pela fé	Família De Cristo	Assembleia de Deus Cristo é a Solução
Sede (Jacu)	1	1	1				1
Olaria							
Pinhalzinho	1	1		1			
Cerro Doce							
Serrano							
Baixo Samburá							
Água Branca							
Guarani							
Paiol de Barro					1	1	
Fazenda São José					1		
Linha Matão							
João Veloso							
Manduri							
Limeira							
Barro Preto					1		
Campos Oliveira							

Fonte:BUBA, 2020.

Ao relacionar os dados, é possível constatar que em 1998, a TI Xaçepó tinha dezessete (17) igrejas evangélicas, subindo para trinta e oito (38) em 2016, um aumento de 123,5%. Conjuntamente, realizei um instrumento com 559 alunos Kaingang das escolas da TI Xaçepó, perguntando qual era a religião dos seus pais. Desses alunos, 59,3% informaram que seus pais eram evangélicos, enquanto 25,2% informaram que eram católicos e 15,5% que não pertenciam a nenhuma religião ou não quiseram comunicar (BUBA, 2020, p.178). Dessa forma, é possível observar que a presença dos evangélicos na TI Xaçepó é superior à média nacional, enquanto, o censo de 2010 informa que 22,2% são evangélicos, entre os Kaingang em 2016, esse número chega a quase 60%.

Outros dados colhidos foram sobre o número de pastores indígenas e não indígenas. Dos 39 pastores que fazem cultos na TI Xaçepó, vinte e oito (28) são Kaingang e onze (11) são não indígenas. Dessa forma, o número de pastores indígenas é de aproximadamente 72% do total de pastores que atuam na TI Xaçepó. Esses líderes religiosos indígenas podem ter uma mais variada formação e abordagem em seus cultos. Por exemplo, é possível constatar a presença de pastores sem nenhuma formação superior, que se tornaram pastores pelo tempo que estavam inseridos em uma mesma congregação. Todavia, é possível notar também, casos de pastores com formação em curso superior, em teologia ou áreas da licenciatura. As narrativas utilizadas nos cultos também são distintas e podem variar de acordo com a



subjetividade do pastor. Por exemplo, encontrei pastores que tinham uma restrição maior para as práticas da cosmologia Kaingang, como o uso do *Kujá*, das marcas exogâmicas Kamẽ e Kanhru, enquanto outros, conseguiram ressignificar essas práticas, incorporando-as nos cultos. Dessa forma, é difícil destacar uma única narrativa como exemplo do que acontece nos cultos da TI Xapecó.

Em dados colhidos em campo e entrevistas, nota-se alguns dos principais fatores para o aumento dos evangélicos entre os Kaingang. Destaco como primeiro, a falta de assistência governamental em torno de temas como alcoolismo, violência contra a mulher, tratamento de doenças graves, fome e falta de roupas de inverno. As igrejas evangélicas acabam sendo uma alternativa para quem está tendo que lidar diretamente ou indiretamente com esses problemas, pois além de ter em suas doutrinas a proibição as bebidas alcoólicas, acabam realizando campanhas de arrecadação de alimentos e agasalhos. Outro ponto é o distanciamento dos sacerdotes católicos, onde muitos Kaingang, enfatizam que a sua conversão se deu pela assistência dos padres e de missas regulares na área indígena. Também, pode-se citar a melhor aceitação dos não indígenas das cidades ao redor, que acabam criando estereótipos positivos em torno dos “evangélicos”, facilitando com isso a entrada dos Kaingang no mercado de trabalho. Esses motivos não são os únicos, é possível encontrar inúmeras motivações, que podem variar de acordo com cada indivíduo.

Também, o crescimento dos evangélicos acarreta uma modificação na política interna e externa da comunidade. A eleição para cacique da TI Xapecó é realizada pelo voto direto, portanto, ter apoio dos pastores e dos evangélicos é essencial para a vitória nas eleições. Com isso, o papel dos pastores ganha não só contornos de líderes religiosos, mas também de líderes políticos. Isso ocorre também nas eleições municipais. As cidades de Ipuacu e Entre Rios são cidades pequenas, onde o contingente indígena pode passar 50%. Dessa forma, ter apoio dos Kaingang evangélicos é importante para as eleições dos prefeitos e principalmente dos vereadores. Portanto, esse aumento dos evangélicos modificou inúmeros aspectos da TI Xapecó, como o cultural, social, político e também econômico.

Considerações finais

A presente pesquisa buscou apresentar um breve histórico e a situação dos evangélicos na TI Xapecó, sendo reflexo de uma pesquisa de doutorado ainda em andamento. Esse artigo, por conta da limitação do seu tamanho não teve como proposta principal uma análise



minuciosada violência simbólica ocorrida com a entrada das igrejas cristãs entre os Kaingang, principalmente as evangélicas nas últimas décadas. Entretanto, a proposta do presente estudo foi mostrar o aumento dos evangélicos no Xapecó, observando que o contato dos Kaingang com o cristianismo aconteceu desde o século XVI, aprofundando-se com o catolicismo popular a partir do século XIX. Com o que foi apresentado, nota-se que o crescimento das igrejas evangélicas entre os Kaingang do Xapecó é muito superior a média nacional, somando aproximadamente 60% dos indígenas que habitam a área indígena. Também, foi possível notar que atualmente a maioria dos pastores que atuam no Xapecó são indígenas, estes que podem variar a sua narrativa nos cultos de acordo com suas subjetividades, podendo ser encontrados discursos com mais censura para as práticas tradicionais do povo, mas também narrativas que ressignificam as práticas culturais. Por fim, com o crescimento das igrejas evangélicas na comunidade, ocorre uma reconfiguração da política interna e externa, onde o pastor também torna-se uma peça chave para esse processo.

Referências

- ALMEIDA, Ledson Kurtz de. **Dinâmica religiosa entre os Kaingang do Posto Indígena Xapecó/SC**. 1998. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.
- BECKER, Ítala Irene Basile. **O índio Kaingáng do Paraná: subsídios para uma etno-história**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.
- BENJAMIN, Walter. As Teses sobre o Conceito de História. In: **Obras Escolhidas**, Vol. 1, p. 222-232. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BOTELHO, Affonso. Descobertas dos Campos de Guarapuava. Organizado por Antônio da Costa Silva Pinto. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XVIII. São Paulo, p.263-288, 1856.
- BRIGHENTI, Clovis Antonio. **O movimento indígena no oeste catarinense e sua relação com a Igreja Católica na Diocese de Chapecó nas décadas de 1970 e 1980**. 2012. 613 f. Tese (Doutorado) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- _____. Terras Indígenas em Santa Catarina. In: NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; ROSA, Helena Alpii; BRINGMANN, Sandor Fernando. **Etnohistória, história indígena e educação: contribuições ao debate**. Porto Alegre: Pallotti, 2012. p.255-277.
- BUBA, Nathan Marcos. **Uma Terra Indígena Encantada: ressignificação das práticas religiosas em nome de São João Maria entre os Kaingang do Xapecó/SC**. 2020. 204 f.



Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

CAMPOS JUNIOR, Luis de Castro. **Pentecostalismo**: sentidos da palavra divina. São Paulo: Ática, 1995.

CRUZ, Aline Pereira; GIEHL, Eduardo Luiz Hettwer; LEVIS, Carolina; MACHADO, Juliana Salles; BUENO, Lucas; PERONI, Nivaldo. Pre-colonial Amerindian legacies in forest composition of southern Brazil. **Plos One**, [S.L.], v. 15, n. 7, p. 1-18, 23 jul. 2020. Public Library of Science (PLoS).

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Para uma história do oeste catarinense. **Cadernos do CEOM**. Ano4, n.06, Nov/89, Chapecó.

DURAT, Cristiano Augusto. Terra de Aldeamento em disputa: Francisco Gacom e "uma" história sobre os Kaingang do Paraná (Século XIX). 2019. 435 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

HANSEN, João Adolfo. "A servidão natural do selvagem e a guerra justa contra o bárbaro". In NOVAES, Adauto. A descoberta do homem e do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Pp.347-373.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. **O Eremita do Novo Mundo**: A trajetória de um peregrino italiano na América do Século XIX (1838 - 1869). 2012. 480 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MELIÀ, Bartomeu. **El Guaraní conquistado y reducido. Ensayos de etnohistoria**. Asunción: Biblioteca Nacional Paraguaya, 1986.

MENDONÇA, Antônio Gouvea; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.

MOTA, Lúcio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang**: a história épica dos índios Kaingang do Paraná (1769-1924). 2. ed. Maringá: Eduem, 2009.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. **Nosso Vizinho Kaingáng**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003.

PONTAROLLO, Fabio. **Terra, trabalho e resistência na fronteira** agrária: história dos "povoadores pobres" em Guarapuava (século XIX). 2019. 365 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2019.

ROSA, Rogério Reus. **Os Kujá são diferentes**: um estudo etnológico do complexo xamânico dos Kaingang da Terra Indígena Votouro. 2005. 416 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.



WIIK, Flávio Braune. O Contestado e seu impacto sobre os modos e regimes de relação Homem-Natureza entre os Kaingang da Terra Indígena Xapecó – SC. In: VALENTI, Delmir Jose; ESPIG, Marcia Janete; MACHADO, Paulo Pinheiro. **Nem fanáticos, nem jagunços: reflexões sobre o Contestado (1912-1916)**. Pelotas: Ed. da Universidade Federal de Pelotas, 2012. pp.173-190.